

RELAÇÕES AMOROSAS¹

Sabrina Barbosa Sironi

Este trabalho tem como objetivo observar a construção da relação amorosa do bebê com seu primeiro objeto, que é a mãe ou qualquer outra pessoa que exerça a função materna, e a transformação do amor pelos primeiros objetos de desejo em outras formas de amor que virão posteriormente.

O seio da mãe, que alimenta, é o primeiro objeto erótico da criança. Assim, a origem do amor está ligada à necessidade de nutrição. Inicialmente, a criança não distingue entre o seio e o seu próprio corpo. Este primeiro objeto é depois complementado na pessoa da mãe, que não só a alimenta, mas também cuida dela e assim lhe desperta certo número de outras sensações físicas, agradáveis e desagradáveis. Freud (1937–1939, p. 202) coloca que

através dos cuidados com o corpo da criança, ela se torna seu primeiro sedutor. Nessas duas relações reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores.

O trato da criança com a pessoa que a assiste é uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual. Ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. Com todas as expressões de ternura da mãe, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior dela.

A pulsão sexual não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo que chamamos ternura um dia exercera também seus efeitos sobre as zonas genitais. Grandes somas de excitação no bebê se acumulam, dando margem a novas espécies de sentimentos de desprazer, e alguns órgãos adquirem maior catexia, renunciando assim a catexia objetual que logo se estabelecerá. As crianças

¹ Trabalho apresentado em jornada interna do CPRS em 23 de junho de 2012.

se comportam como se sua afeição pelas pessoas que a assistem fosse da natureza do amor sexual.

É a ansiedade de castração que contribui para o abandono das impulsões edípicas e leva ao desenvolvimento das instituições controladoras da mente e da moralidade.

De acordo com Freud (1925–1926, p. 144):

Cada situação de perigo corresponde a um período particular de vida ou a uma fase particular de desenvolvimento do aparelho mental e parece ser justificável quanto a ele. Na primeira infância o indivíduo realmente não está preparado para dominar psicologicamente as grandes somas de excitação que o alcançam quer de fora, quer de dentro. Além disso, num certo período de vida, seu interesse mais importante realmente é que as pessoas das quais ele depende não devem retirar seu carinho dele. Posteriormente, em sua infância, quando sente que o pai é um poderoso rival no tocante a sua mãe e se torna ciente de suas próprias inclinações agressivas para com ele e de suas intenções sexuais em relação à mãe, realmente tem justificativa de ter medo do pai, e seu medo de ser punido por este pode encontrar expressão através do reforço filogenético de ser castrado.

A pessoa amada não deixaria de nos amar nem seríamos ameaçados de castração se não alimentássemos certos sentimentos e intenções dentro de nós. Assim, tais impulsos sexuais são determinantes de perigos externos e dessa maneira se tornam perigosos em si.

Freud (1901-1905, p. 212) coloca que

a angústia das crianças é a expressão da falta que sentem da pessoa amada, por isso elas se angustiam diante de qualquer estranho, temem a escuridão porque, nesta, não vêem a pessoa amada e se deixam acalmar quando podem segurar-lhe a mão na obscuridade. Atribuir a todos os bichos-papões da infância e a todas as histórias horripilantes contadas pelas babás a culpa por provocarem nervosismo na criança é superestimar-lhes o efeito. Só as crianças propensas ao estado de angústia acolhem essas histórias que em outras não causam nenhuma impressão, e só tendem ao estado de angústia as crianças com uma pulsão desmedida, ou prematuramente desenvolvida, ou que se tornou muito exigente em função de mimos excessivos. Nesse aspecto, a criança porta-se como o adulto, na medida em que transforma sua libido em angústia quando não pode satisfazê-la.

As fobias de crianças muito tenras, temores de ficarem sós ou no escuro ou com estranhos em geral desaparecem depois. Algumas dessas situações de perigo conseguem sobreviver, alcançando épocas posteriores. Assim, o excesso de ternura por parte dos pais pode tornar-se pernicioso, na medida em que acelera a maturidade sexual e também, mimando a criança, torna-a incapaz de renunciar temporariamente ao amor em épocas posteriores da vida ou de contentar-se com menor dose dele.

Durante todo o período de latência, a criança aprende a amar outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, fazendo-o segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele. Neste período, a libido desloca-se fundamentalmente nos objetos primários, mãe e pai, trocando as metas e convertendo as finalidades genitais em produtos altamente sublimados, como pensamentos, fantasias, objetos formais-abstratos, dramatizações veiculadas através de jogos sociais, etc.

De acordo com Kunsnetzoff (1982, p. 107):

Os vínculos objetais estabelecidos durante este período são liderados pela sublimação das pulsões edípicas e por este motivo vemos o aparecimento de manifestações sublimes e, de certa forma, idealizadas de afeto, de ternura, devoção, respeito, etc. A curiosidade das crianças desta idade não será apenas exclusivamente sexual, como no período edípico, mas orientada para diversos fins, tendendo a incorporar conhecimentos que se encontram a serviço da utilidade social.

O ideal da criança será processado a partir de exigências feitas e consequentes demonstrações de afeto dos pais quando a criança cumpre as exigências. Dessa forma, o ideal constitui um modelo a ser seguido às expensas dos investimentos eróticos dos pais. A atividade erótica cede sua energia para formar o ideal que, por sua vez, censura os impulsos sexuais, mantendo-os recalcados. O investimento objetual dos pais frustra-se diante da proibição cultural do incesto. Cedendo espaço as identificações, a criança molda-se desta forma à imagem dos objetos perdidos.

Shakespeare reconheceu isso quando, no Soneto 160, escreveu: “Mas quem não sabe que a consciência é filha do amor?”

O respeito à barreira do incesto é uma exigência cultural da sociedade, por isso principalmente nos adolescentes se afrouxa os laços da família. Seria mais prático o filho escolher como objetos sexuais as pessoas amadas na infância, as que satisfizeram suas necessidades na infância, porém a moral exclui essa escolha objetual.

As fantasias do período da puberdade ligam-se à investigação sexual infantil abandonada na infância e podem permanecer inconscientes em sua totalidade ou em sua maior parte. Freud (1901-1905, p. 213) coloca:

Entre as fantasias sexuais do período da puberdade destacam-se algumas que se distinguem por sua ocorrência generalizada e sua considerável independência do que foi vivenciado pelo indivíduo. Tais são as fantasias de escutar as relações sexuais dos pais, da sedução pelas pessoas amadas, da ameaça de castração, as fantasias do ventre materno, cujo conteúdo é a permanência nele e mesmo as vivências que ali se teria, e o chamado

“romance familiar”, no qual o adolescente reage à diferença entre sua atitude de agora para com os pais e à que teve na infância.

É no campo psíquico que se consuma inicialmente a escolha objetal; a vida do jovem dispõe das fantasias, das representações para concretizar-se. Nessas fantasias as inclinações infantis voltam a emergir em todos os seres humanos e são reforçadas pelo impulso sexual da criança em direção aos pais. O repúdio dessas fantasias incestuosas consuma-se no desligamento da autoridade dos pais, tão importante para o progresso da cultura.

Quanto mais perto se chega das perturbações profundas do desenvolvimento psicosexual, mais se destaca a importância da escolha objetal incestuosa. Nos psiconeuróticos, grande parte da atividade psicosexual destinada ao encontro do objeto permanece no inconsciente em decorrência da dificuldade da expressão da sexualidade.

Segundo Freud (1901-1905, p. 215),

às moças com uma necessidade exagerada de ternura e um horror igualmente desmedido às exigências reais da vida sexual, torna-se uma tentação irresistível, por um lado, realizar em sua vida o ideal do amor assexual e, por outro, ocultar sua libido por trás de uma ternura que possam expressar sem autorreprovações, agarrando-se por toda a vida a sua inclinação infantil, renovada na puberdade, para os pais ou irmãos. Também nos casos em que uma pessoa anteriormente sadia adocece após uma experiência amorosa infeliz, pode-se descobrir com segurança que o mecanismo de seu adoecimento consiste numa reversão de sua libido para as pessoas preferidas na infância.

Quando na análise damos ao ego assistência capaz de situá-lo em posição de levantar suas repressões, ele recupera seu poder sobre o id recalçado e permite que as forças pulsionais sigam seu curso como se as antigas situações de perigo não existissem mais.

O olhar freudiano oportuniza ao ego, através da escuta psicanalítica, criar outro sentido nas situações de perigo, permitindo ao sujeito transitar sobre diferentes planos de sua experiência com uma abertura de possibilidades para a criação de novos sentidos. Isso acontece ao vencer em análise a luta contra a resistência, dirigindo o ego para percepções e ideias que ele estabeleceu como norma evitar, ou ao admitir impulsos em si próprio que são o oposto completo daqueles que ele conhece como seus.

Segundo Freud (1901-1905, p. 210), “a psicanálise ensina que há dois caminhos para o encontro do objeto, o primeiro dá-se por apoio em modelos infantis primitivos, e o segundo, o narcísico, busca o ego do próprio sujeito e vai reencontrá-

lo em outrem”.

Segundo Katz, inconsciente é um fazer permanente, devir em movimento, indefinindo seus objetos. Para Chaim Samuel Katz (1996, p. 90):

Crianceria é devir, não delimitada por algum pacto social, nem algo que desapareça pelo fato de se encontrar adulto. Devir que não se captura por nenhum estado de adulto, devir que se capacita sempre por expressões longe de equilíbrio, digamos, procura incessante de novos mapeamentos, encontro real-imaginário.

Essa é a importância da escuta psicanalítica: transformar seu devir em vir-a-ser, trajeto incessantemente reproduzido onde afetos não querem ser aprisionados por um sistema nem por si próprios, em busca do novo e criativo, permanentemente resistindo aos agenciamentos. *Crianceria* é diferença.

Segundo Chaim Samuel Katz (1996, pag. 94), “a psicanálise da *crianceria* é expansiva e não chora sobre o negativo, busca novos encontros, paixões alegres e expansivas”.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905), vol. VII. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926), vol. XX. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Moisés, o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939), vol. XXIII. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Introdução a psicopatologia psicanalítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

KATZ, Chaim Samuel. *Cadernos de subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Pós-Graduação Clínica, PUC-SP, número especial, 1996.